

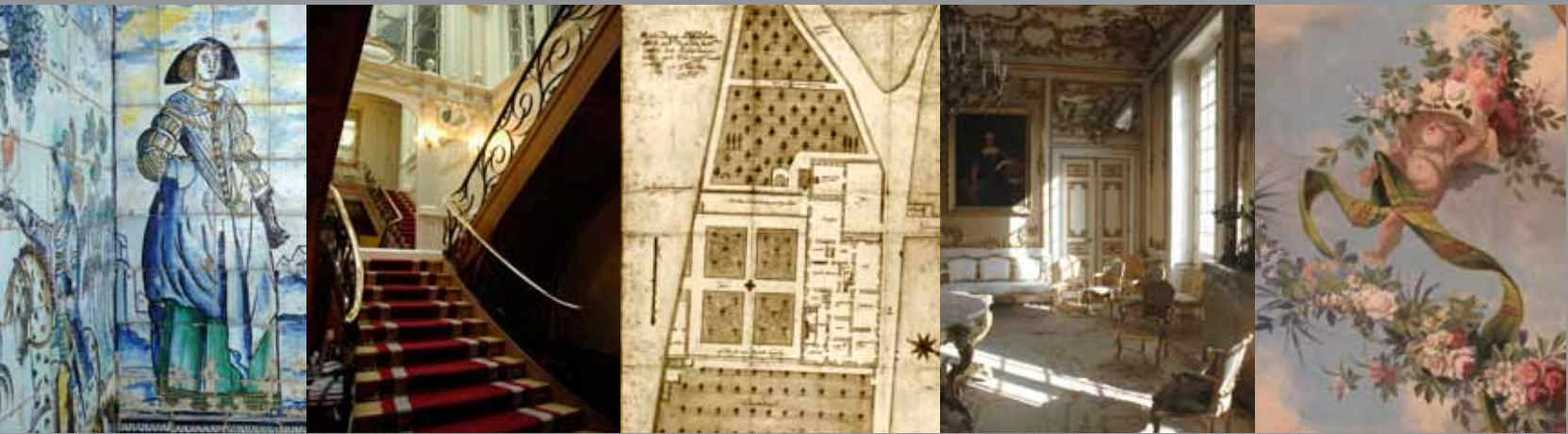
Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

Coordenação

A CASA SENHORIAL

em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores



Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores





Coordenação

Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores

Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2014

FCT (PTDC/EAT-HAT/112229/2009)

ISBN: 978-989-99192-0-4
(Universidade Nova de Lisboa)
ISBN: 978-85-87145-60-4
(Universidade Federal
do Rio de Janeiro)

*A Casa Senhorial
em Lisboa e no Rio de Janeiro:
Anatomia dos Interiores*

Design gráfico:
Atelier Hélder Carita

Secretariado:
Lina Oliveira
Tiago Antunes

Depósito legal:
383142 / 14

Tipografia:
Norprint

Tiragem:
300 exemplares

LISBOA – RIO DE JANEIRO 2014

Coordenação

Isabel M. G. Mendonça
Hélder Carita
Marize Malta

Edição conjunta

Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-989-99192-0-4

Escola de Belas Artes (EBA) – Universidade Federal do Rio de Janeiro
ISBN:

© Autores e IHA

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto com a referência EAT-HAT.112229.2009.

ÍNDICE

MECENAS E ARTISTAS. VIVÊNCIAS E RITUAIS

- 18 **Cátia Teles e Marques**
Os paços episcopais nos modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal
- 44 **Daniela Viggiani**
“L’ Abecedario Pittorico” de Pellegrino Antonio Orlandi
- 64 **Celina Borges Lemos**
André Guilherme Dornelles Dangelo
Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries
- 86 **Miguel Metelo de Seixas**
O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa do Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento

ARQUITECTURA, ESTRUTURAS E PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS

- 112 **Isabel Soares de Albergaria**
O Palácio dos Câmara “aos Mártires” – um caso excepcional da opulência seiscentista
- 134 **João Vieira Caldas**
Maria João Pereira Coutinho
O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII
- 190 **Hélder Carita**
O Palácio Ramalhete, nas Janelas Verdes: uma tipologia de palacete pombalino
- 208 **Ana Lúcia Vieira dos Santos**
Formas de morar no Rio de Janeiro do século XIX: espaço interior e representação social

- 224 **Mariana Pinto da Rocha Jorge Ferreira**
Tiago Molarinho Antunes
O Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira:
análise do conjunto edificado
- 248 **José Pessôa**
Padrões distributivos das casas senhoriais no Rio de Janeiro
do primeiro quartel do século XIX
- 272 **José Marques Morgado Neto**
As Casas Senhoriais da Belém colonial entre os séculos XVIII e XIX: sob a pers-
pectiva dos relatos de viajantes, da iconografia da época e da remanescência
no centro histórico da cidade
- 292 **Gustavo Reinaldo Alves do Carmo**
O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914)
- 318 **Patrícia Thomé Junqueira Schettino**
Celina Borges Lemos
“O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquite-
tura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século
XIX e início do século XX no Rio de Janeiro
- 338 **Felipe Azevedo Bosi**
Palácio Isabel: o Palácio do Conde e Condessa d’Eu
no Segundo Reinado brasileiro
- 346 **Paulo Manta Pereira**
A arquitetura doméstica de Raul Lino (1900-1918). Expressão meridional
do *Arts and Crafts*, ou síntese local de um movimento artístico universal
do último terço de oitocentos

A ORNAMENTAÇÃO FIXA

- 366 **Ana Paula Correia**
Memórias de casas senhoriais – patrimónios esquecidos
- 382 **Sofia Braga**
Sobre a Sala Pompeia do Antigo Palácio da Ega

- 404 **Cristina Costa Gomes**
Isabel Murta Pina
Papéis de parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas
- 424 **Ana Pessoa**
As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do século XIX: um panorama
- 444 **Isabel Mendonça**
Estuques de Paris e “parquets” de Bruxelas num palácio oitocentista de Lisboa
- 472 **Isabel Sanson Portella**
Análise Tipológica dos Padrões dos Pisos de *Parquet* dos Salões do Palácio Nova Friburgo / Palácio do Catete
- 482 **Alexandre Mascarenhas**
Cristina Rozisky
Fábio Galli
A “Casa Senhorial” em Pelotas no século XIX: família Antunes Maciel
- 502 **Miguel Leal**
A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso
- 516 **Rosa Arraes**
A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

EQUIPAMENTO MÓVEL

- 536 **Maria João Ferreira**
Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas
- 562 **Marize Malta**
Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões

Palavras-chave
arquitetura,
casa nobre,
espaço privado,
teto, cultura,
Minas Gerais

Keywords
architecture,
noble house,
private space,
ceiling, culture,
Minas Gerais

Resumo/Abstract

Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiares

O artigo aborda a análise do solar identificado historicamente “Casa Padre Toledo”, que representa um dos relevantes bens culturais construídos ao longo do século XVIII no município de Tiradentes, Minas Gerais. Marco arquitetônico simbólico do período florescente da exploração mineral na rica Vila de São José Del Rei, que pertencia à Comarca do Rio das Mortes. A casa senhorial onde viveu Padre Toledo fazia parte do casario mais sofisticado setecentista da Vila, não havendo fontes precisas que informem a data da sua construção, bem como os detalhes ornamentais nela presentes. A construção é dotada de detalhes referenciados na arquitetura portuguesa o que acrescenta ao bem uma monumentalidade peculiar. O conjunto de características que contribuem para singularizar o solar representa uma incidência rara nas residências particulares da época e tem sua força simbólica ritualizada e ampliada com a presença do ilustre morador e inconfidente mineiro.

Solar “Casa Padre Toledo”: the cultural architecture as a ritualistic conjunction of space and time thresholds

The paper addresses the analysis of solar historically identify “Casa Padre Toledo”, which is one of the important cultural assets built during the eighteenth century in the city of Tiradentes, Minas Gerais. Architectural symbol of the flourishing period of the mineral exploration in the rich town of San José del Rei (Tiradentes). The manor house where Padre Toledo had lived is part of the most sophisticated eighteenth-century houses of the village, there are no accurate sources that inform the date of its construction. It is provided with details referenced in Portuguese architecture which adds to the solar a peculiar monumentality. The set of characteristics that contribute to individualize it is a rare incidence in the private residences during the eighteenth century. Beside the architectonic and ornamental peculiarities, the solar has his ritualized and symbolic force increased with the presence of the illustrious inhabitant member of the Inconfidência Mineira.

Celina Borges Lemos. *Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG, mestre em Sociologia pela FAFICH/UFMG, doutora em Ciências Sociais – UNICAMP/SP e pós-doutora -FAU-USP. Tem experiência na área de Antropologia Urbana, Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo, Cultura Urbana, Conservação e Revitalização do Patrimônio. Professora associada da Escola de Arquitetura da UFMG. Realiza estudos principalmente sobre os seguintes temas: Arquitetura, Artes, Museologia, Estilo, Cultura, Estética, Centralidades, Espaços Públicos, Serviços na contemporaneidade, Arquitetura Mineira entre os séculos XVIII e XXI.*
celinaborg@gmail.com

André Guilherme Dornelles Dangelo. *Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG, especialista em Arte e Cultura Barroca UFOP; Patrimônio Construído FAUP/UFOP; mestre em Ciências da Arquitetura FAU/UFRJ e doutor em História Social da Cultura FAFICH/UFMG. Professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG. Atua na área de Arquitetura, Urbanismo e Arquitetura Brasileira. Pesquisas sobre Cultura Arquitetônica nos séculos XVIII e XIX. Foi Superintendente Executivo da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade de 2007 a 2014.*
agddangelo@gmail.com

Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries

Celina Borges Lemos, André Guilherme Dornelles Dangelo

1. INTRODUÇÃO

(...) Embora filha do mundo, a obra é um mundo e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustêm como tal. A sua razão é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. Este procura indicar a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito é reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo.¹

O solar identificado historicamente “Casa Padre Toledo”² representa um dos relevantes bens culturais construídos ao longo do século XVIII no município de Tiradentes, Minas Gerais.³ Marco arquitetônico simbólico do período florescente da exploração mineral na rica Vila de São José Del Rei, que pertencia à Comarca do Rio das Mortes, o solar congrega limiaries de espaços e tempos diversos de grande relevância social, política e cultural. A condensação de iniciativas e acontecimentos sediados ou em torno do solar rememora uma ideia de “limiarologia” citada pelo filósofo Behrens (2010), que a relaciona com “ritos de passagens”, ou seja, atos que transpõem os limiaries entre estados, espaços ou tempos.⁴ São os entre mundos, ou mundos intermediários que compõem os ritos que se desenrolam no solar, que, enquanto manifestos e registros da arquitetura, cultura vivência política, que condensam e transitam por vários espaços e tempos. O entre o estar na casa e o estar fora dela, o privado e o público são situações do estilo de morar como espaços e tempos limiaries em que a modulação sociopolítica está condicionada a ritos de contiguidade e ritos que passam circunstancialmente (BEHRENS, 2010).

Tais aspectos, quando se trata da habitação situada à Rua do Sol em Tiradentes, podem ser verificados historicamente nas condensações da sua arquitetura e em relação

aos seus moradores em que são apontados o espaço físico em si, os costumes e modos de morar e as vivências cotidianas moduladas entre o privado e o público. Em alguns ritos de passagens que o espaço do solar testemunha a presença do Padre Carlos Correia Toledo e Melo. Durante os anos de 1777 e 1789 reúne limiares do espaço e do tempo ressaltados na estética arquitetônica e na história social e política da Inconfidência Mineira. De acordo com JANCSÓ (1997, p. 389), “os ensaios sediciosos do final do século XVIII anunciam a erosão de um modo de vida”. Analisa também que a “rebeldia organizada” irrompe o espaço da vida pública, politizando a vida privada. As duas dimensões passam a se articular de maneira distinta e tem no espaço privado, ou seja, a casa além das suas atribuições fundadoras, como local privilegiado das práticas sediciosas. A casa em Minas Gerais, ao lado dos atributos de intimidade, tem seus espaços enriquecidos enquanto lugar da conspiração. As casas possuíam os dispositivos projetuais necessários para assegurar a privacidade dos seus moradores, sendo esse sentido de acolhimento muito valorizado no período. Segundo JANCSÓ (1997, p. 423), era possível observar as “interseções de projetos políticos com estratégias individuais ou familiares, pelos quais se percebe a invasão do espaço privado pelos valores da esfera pública”.

Considerando os espaços e tempos limiares algumas passagens dos mesmos estão presentes em registros que possibilitam análises que rememoraram a importância da casa como bem cultural e atos que se desenrolaram nessa ambiência. Entre esses, apesar da escassez de fontes, aspectos históricos e arquitetônicos são apresentados bem como seus diálogos e influências. Ao lado disso, enfatizam-se as vivências públicas e privadas e seus limiares, destacando o uso e as intervenções no espaço e a presença do inconfidente Padre Toledo, que devido à sua importância se torna a nomeação definitiva e simbólica do bem cultural.

2. A ARQUITETURA DO SOLAR “CASA PADRE TOLEDO”

De acordo com Algranti (1997), nos três primeiros séculos da colonização brasileira as características estéticas e construtivas das habitações eram bastante simples e pobres, uma vez que, em grande parte, pessoas de menos recursos habitavam as vilas e povoados. Os proprietários de sítios e fazendas apenas visitavam esses locais ocasionalmente e por isso necessitavam apenas de moradias mais singelas uma vez que a ocupação se dava esporadicamente. Já na segunda metade do século XVIII tem-se registro da presença em núcleos urbanos de sobrados e habitações mais sofisticadas, que se aproximam da importância e opulência das casas-grandes de outrora (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999). Para os autores Francisco Veríssimo e William Bittar (1999), durante o século XVIII o estreitamento

em vários âmbitos das relações do Brasil com a Europa possibilitou alterações na arquitetura colonial. Neste contexto, houve um substancial processo de transformação da arquitetura e no critério de conforto das habitações em termos construtivos, estéticos e formais. Essa mudança refletiu no critério de qualificação projetual dos ambientes domésticos privados que estavam relacionados com a consolidação e os sinais de modernização da vida urbana. As casas mais requintadas, entre outros papéis que proporcionam, se apresentam como espaços privilegiados do encontro e da festa em seus salões diversificados e decorados artisticamente. Entre vários aspectos como o sistema construtivo, programa funcional dos cômodos, soluções estéticas e compositivas, evidencia-se a presença do porão, que com as inovações se torna habitável.

Apesar desse impulso inovador, as construções mais sofisticadas, como o caso do solar, predominantemente vieram se consolidar no final do século XVIII e principalmente no século XIX. A moradia de qualidade arquitetônica e estética é erigida por membros da elite social, que tem seus negócios dinamizados pela diversificação da economia e pelo crescimento urbano (ALGRANTI, 1997). Segundo a autora, essas moradas urbanas mantêm as características formais referenciadas, inicialmente, na arquitetura portuguesa, apesar da possibilidade de apresentar adaptações do modo de morar dos colonos e possíveis influências indígenas (LE MOS, 1985). Outro detalhe na concepção da espacialidade do morar das camadas mais abastadas, mas que também se verifica nas populares, tanto no campo como na cidade, se vincula à importância dada a uma derivação e ampliação das funções da vida doméstica. “Quintais, jardins, pomares e hortas, além dos anexos, estes cobertos de telhas ou palhas eram circundados por muros baixos que delimitavam o espaço doméstico” (ALGRANTI, 1997, p.91).

De acordo com levantamentos realizados no solar “Casa Padre Toledo”, a área total construída da edificação e seus acréscimos são de aproximadamente 800m², está implantada em terreno de área igual a 2.564,64m², e o volume original perfaz 506,21m² (UNIVERSIDADE, 1999). O porão com grande parte habitável, resultado do aproveitamento do desnível do terreno, apresenta uma área de 42,86m², e o torreão, que foi construído posteriormente, representa 70,52m² do total construído. No edifício, com características do período colonial setecentista, seu volume destaca-se no plano elevado do Largo do Sol, em terreno de esquina, com sua fachada principal voltada para a antiga Rua do Sol, atualmente denominada Rua Padre Toledo. À direita, do outro lado do Beco dos Escravos, encontra-se a Igreja de São João Evangelista, que compõe a paisagem no ponto mais alto do aclive que perpassa o Largo do Sol.

A edificação, assentada sobre baldrame elevado, compõe-se de um volume maciço

que se alonga no nível térreo (UNIVERSIDADE, 1999). A horizontalidade dominante do maciço é apenas levemente seccionada por bloco em dois pavimentos finalizados por cunhais de pedra recortados por detalhe decorativo da cornija, que se elevam na esquina do Beco dos Escravos e na extremidade voltada para o Largo do Sol. Forma-se um monumental torreão, construído posteriormente, de onde se pode avistar a Serra de São José e o casario do centro atualmente histórico.

A fachada principal, com face para a Rua Padre Toledo, organiza-se em fechamentos e vãos que se aproximam da proporção áurea, verificadas em construções do século XVIII, como algumas casas nobres das cidades que surgiram com a exploração mineral em Minas Gerais (ZOLINI; LEMOS, 2007). No bloco térreo, as seis janelas dispostas regularmente e em sequência são finalizadas por enquadramento em pedra, verga alteada e decoração artística floral anexada junto à parte superior das ombreiras.

Os cunhais definem e possibilitam um novo ritmo nas fachadas do bloco assobradado do torreão em dois pavimentos e porão em relação ao volume principal. O sobrado edificado apresenta fundação de pedra e alvenaria de moledo⁵ no primeiro pavimento e de tijolo maciço no segundo pavimento, técnica essa última certamente oriunda das reformas que ali se fizeram na transição do século XIX para XX (DANGELO, 2012). No primeiro nível se inserem duas janelas, uma em cada fachada, de proporções semelhantes, com enquadramento de madeira e verga alteada (UNIVERSIDADE, 1999). No segundo pavimento do torreão, duas janelas, cujas proporções tendem para a seção quadrada em menor medida do que as aberturas presentes no corpo principal da primeira construção, com enquadramento em madeira e vergas alteadas. Essas se dispõem na continuidade da linha da cimalha do bloco térreo inaugural, contíguo à torre, contribuindo para reforçar o sentido horizontal do conjunto. As janelas são da modalidade guilhotina envidraçada, complementada com caixilhos brancos.

Correspondendo à entrada principal da edificação, a fachada lateral esquerda volta-se para uma área de jardim, limitada pela mureta baixa no alinhamento da Rua Padre Toledo e pelo muro situado na divisa do jardim com o quintal, ao fundo. O acesso se faz por uma porta com fechamento em duas folhas almofadadas, com verga alteada e ombreiras retas decoradas em guirlandas e volutas. Três janelas, duas de um lado e uma de outro, com as mesmas características das demais aberturas do primeiro pavimento, ladeiam a porta principal. No desnível entre o jardim e o piso do térreo se construiu dois degraus feitos em blocos de pedra, o último conformando um patamar diante da porta de acesso junto à soleira (UNIVERSIDADE, 1999).

A fachada posterior voltada para o quintal apresenta detalhes arquitetônicos menos

sofisticados, porém tem como arremate do telhado o beiral denominado “beira seveira”⁶, com detalhes em série sinuosos na argamassa, com atribuição semelhante à cimalha (VASCONCELLOS, 1968). Na área frontal esquerda dessa fachada construiu-se, sem data precisa, uma expansão ao bloco principal destinada aos serviços domésticos da copa, cozinha e provavelmente do banheiro.

A cobertura do torreão, disposta em quatro águas, dotada de beiral em cachorros segue as características da cobertura do bloco térreo. Este também é concebido com quatro águas arrematadas pelo requintado beiral de acabamento em cimalha de pedra. Os planos de telhado são formados por galbo, sendo esse um recurso comumente empregado nos sistemas construtivos daquele período para a proteção das paredes das águas de chuva (VASCONCELLOS, 1977).

A implantação do solar conforma um amplo quintal ou pátio ao fundo que se separa dos demais lotes por um muro baixo edificado em pedra. Essa propicia uma área em que a vida doméstica se intensifica com a presença dos serviços. O espaço recebe o avanço da construção da copa, cozinhas e banheiro, que tem as atribuições dos serviços complementares pelo porão e construção de anexos, que durante o século XVIII funcionou como área destinada ao armazenamento, senzala e parte ao apoio às necessidades de manutenção da cavalaria e ferraria. Observa-se também outras atribuições no quintal, como relata Algranti (1997, p.91): “as áreas externas destinadas ao convívio, ao cuidado dos animais e à indústria doméstica forneciam também produtos para a subsistência”. O bloco principal da casa ao incluir e melhorar os acréscimos ao fundo do lote, que datam do final do século XIX e ou do início do século XX, ampliam a disponibilidade da prática de atividades de serviços domésticos então apenas integradas ao corpo da casa. O acréscimo como área edificada para além do bloco principal reafirma a importância de se manter funcionando duas cozinhas, fato verificável tanto no século XVIII como nos seguintes. Uma cozinha nominada como “limpa” que era destinada ao uso cotidiano e outra “suja” onde usualmente se preparava doces e ocorria a elaboração de tarefas mais pesadas (ALGRANTI, 1997).

A concepção volumétrica e formal da casa transmite uma estética acolhedora e requintada e, tem os seus interiores protegidos pelo acesso lateral arrematado por mureta e jardim. Estes sentidos se mantêm na distribuição dos espaços internos do solar e acrescenta-se a isto, a preocupação e valorização da intimidade, que consolidam hábitos regidos pelo culto à sociabilidade doméstica como modo de morar. O espaço se divide originalmente em dezesseis cômodos, organizados linearmente nas laterais de um corredor central (UNIVERSIDADE, 1999). As diversas salas se intercomunicam através de uma ou duas portas. As proporções internas confirmam a impressão avantajada e aconchegante que se

tem do exterior da edificação, contribuindo para a sensação de solenidade que os ambientes exercem sobre o observador/visitante. Essas salas, o quarto de dormir principal, a alcova como um suposto local de apoio ao morador demonstram uma opulência e modernidade advindas das populações estrangeiras (ALGRANTI, 1997).

Outros detalhes de acabamentos são os alisares das portas e janelas em madeira que fazem composição estética com os forros mais requintados, e são finalizadas por vergas retas e complementadas de sobreverga decorada de cornija e lambrequim estilizado (LEMOS, 2006). As aberturas das janelas voltadas para a fachada frontal e a fachada de acesso recebem um prolongamento interno e criam uma base de apoio nas extremidades, popularmente conhecidas como janelas conversadeiras e que estimulam uma permanência mais prolongada do usuário.

Complementa a sofisticação interna e externa da concepção arquitetônica o sistema construtivo dos forros situados nos cômodos da ala social, que são arrematados pela grande riqueza artística da pintura decorativa diferenciada em cada ala. No conjunto, destacam-se os que apresentam a pintura de uma pastora branca sendo cortejada por um pastor negro, e o forro de cinco partes em gamela, que se utiliza dos personagens da mitologia greco-romana para a representação das alegorias dos cinco sentidos (UNIVERSIDADE, 1999). De um modo geral, identifica-se solução diferenciada das demais alas da casa, que reúnem as tipologias planar, saia-e-camisa e gamela, todos finalizados por acabamentos nas bordas, como as cimalthas e as abas, exceto no ambiente onde se instalou o oratório próximo à entrada principal confeccionado na modalidade planar em esteira.

O sistema construtivo combina as técnicas das alvenarias de moledo e de adobe, e no bloco em dois pavimentos adotam-se também o moledo no primeiro e o tijolo maciço no segundo além da do uso da pedra (DANGELO, 2012). Uma escada de espelhos vazada e pisos em tábuas de madeira, apoiada em vigas feitas de pranchões também de madeira, de execução recente, faz a ligação entre os dois pavimentos. O piso original, feito de pranchões largos de madeira assentados sobre barrotes, ainda pode ser identificado em alguns cômodos; nos restantes, nota-se a substituição feita por um tabuado corrido. Os detalhes em pedra adotados na construção são xistos verdes e azuis, retirados da Serra São José, que emolduram a paisagem do centro tiradentino.

3. ASPECTOS DA INTIMIDADE NOS INTERIORES DO SOLAR DURANTE A PRESENÇA DO PADRE TOLEDO

Segundo Algranti (1997), notificam-se nesse período novos hábitos de todos os tipos e formas de sociabilidade entre familiares e amigos nos interiores das moradas. Adiciona-

-se a esse aspecto que “a total falta de higiene pública era contrabalançada pelo polimento, mas também policiamento das condutas em relação à higiene ou ao corpo, revelando a emergência da intimidade e dos cuidados de si” (PRIORE, 1997, p.306). A inserção gradual de vasos sanitários e banheiras complementam os cuidados com o corpo já presentes na higiene dos ricos com o uso da água para refrescar conduzida até o quarto ou à alcova através de jarros com bacias de prata para lavar as mãos rostos e pés. A valorização da higiene tem com o clima tropical alguns condicionantes peculiares, que levam a mudanças na rouparia de cama e mesa. Há destaque para os colchões e as toalhas de algodão, os lençóis de linho fino, que traziam frescor ao ambiente de descanso. O ato do dormir, do alimentar, da higienização, do culto ao corpo, demarcam, através das baixelas, alfaias de cama e mesa, as indumentárias luxuosas, os adornos pessoais e de tocador, o hábito de ostentar a opulência (ALGRANTI, 1997). Neste sentido, os limiars dos hábitos extremamente íntimos bem como os de maior compartilhamento, como as refeições, conformam um ritual doméstico que ajudava a demarcar o tempo da intimidade (PRIORE, 1997).

Com relação à presença de Padre Toledo no solar percebe-se, através das poucas informações registradas, que seu estilo de vida se adequa e valoriza o edifício. Na condição limiar do espaço entre o programa e o modo de vida anterior e os inaugurados pelo vigário surge uma distribuição de cômodos, parcialmente diferenciada e pautada por inovações e funções no espaço da casa. Como analisa o historiador Celso Furtado (2002), Padre Toledo inseria-se no grupo dos inconfidentes mineiros mais ricos e poderosos da capitania.⁷ Conforme detalhes sobre seus bens sequestrados registrados nos Autos da Devassa os seus recursos financeiros contribuíram para diversificar e sofisticar o uso da casa, os hábitos do morar bem que podem ser verificados através da listagem dos seus bens, por exemplo, o mobiliário, as alfaias de cama e mesa, como os objetos de adornos e os utensílios domésticos.⁸

De acordo com o projeto arquitetônico e os usos cotidianos consolidados durante os anos de permanência do vigário no solar, o acesso às espacialidades internas tem início através do jardim lateral. Local esse, por onde se adentra também para o quintal e anexos funcionais localizados no mesmo. A murada apenas protegia o jardim da ambiência pública, sendo que a entrada da escravaria e da cavalaria se dava pelo mesmo local. O primeiro cômodo é definido pelo hall de entrada marcado por quatro aberturas que levam para o oratório, o escritório e o local de apoio da chegada. Estes estão situados à direita da circulação principal, que também conduz frontalmente o usuário para a circulação geral ou para as salas à esquerda do percurso.

As salas dispostas em sequência estão integradas entre si e com a circulação. A primeira situada na lateral extrema do bem pode ter funcionado como escritório de

trabalho da paróquia e também dos negócios. Esta poderia também ter funcionado como sala de jogos que compõe as variações sociais da casa nessa época. As alas nobres do solar são valorizadas também pelos materiais de acabamento empregados ao lado dos tetos com pinturas artísticas cujos temas revelam as atribuições de cada ambiente, como a sala onde se ouvia música e sala de estar. A sala de jantar, localizada logo após o hall junto à circulação, apresenta aberturas voltadas para o quintal sendo arrematada por teto em gamela pintado com detalhes florais estilizados de frutas tropicais. Esses detalhes integravam também os hábitos alimentares da população tropical, em que parte das frutas era colhida nos próprios pomares das habitações (ALGRANTI, 1997).

Após a ala social atinge-se o setor íntimo do conglomerado de uso particular do vigário que é formado pelo quarto, sala de estar, biblioteca, sendo que as duas últimas ocupam o primeiro e segundo pavimentos do torreão. Junto da circulação estão erigidas duas alcovas, que podem ter funcionado como apoio à intimidade, por exemplo: sala de instrumentos musicais, quarto para abrigar os escravos domésticos, ala de higiene ou de banho. Devido à inclusão das alcovas a circulação bifurca-se em dois percursos, o do conglomerado íntimo e o que liga ala contígua à copa e saída para o quintal.

Os hábitos do ilustre morador podem ser percebidos pelo conjunto de bens pertencentes ao Inconfidente, o que ratifica o requinte em que viveu na Vila São José.⁹ A casa, seus interiores e sua presença na Vila sintetizaram simbolicamente o legado material e imaterial das vivências do cotidiano do seu morador, das suas andanças enquanto vigário, empresário e inconfidente. Os Autos de Sequestro descrevem o Solar, com seus muros e cavalaria, assim como os detalhes do interior: mobiliário, alfaias, objetos de uso pessoal, livros de sua biblioteca (JARDIM, 1888).

Do mobiliário, destacam-se as diversas e sofisticadas cadeiras de caviúna do campo, com assentos de tripé e damasco carmesim; cadeiras de pau liso, de braços de caviúna, com assento e encosto de damasco carmesim; preguiceiros; pés-de-cabra cobertos de couro; o retrato de Dom José I com moldura dourada com sobrecéu e espaldar de damasco carmesim e espelho grande com moldura dourada (CRUZ, 2011a). São móveis, que em sua maioria, foram importadas e compõem um modo de vida sofisticado e que coadunavam com os detalhes artísticos e de acabamentos do solar.

Complementam essas móveis outros objetos que reafirmam o gosto apurado de Padre Toledo em relação ao luxo à mesa, ao receber visitantes, e assessorios de iluminação. Neste contexto listam-se pratos finos, copos de vidro, grandes e pequenos, bules de louça da Índia; terrinas de louça e pratos de Lisboa, em vários tamanhos; pratos de estanho grandes, candeiros de latão, bule de cobre, xícaras e pires de louça da Índia; bacia com jarro de

estanho velho; colheres de prata e lampião grande de vidro.¹⁰ O estilo de viver e o gosto apurado pela música encontra ressonância também na coleção de livros de sua biblioteca, detalhes que ultrapassa a condição cultural e revelam sua postura política.¹¹ Junto desses objetos, outro detalhe contido nos Autos da Devassa, constava na listagem um tear instalado na sua fazenda no Arraial da Laje, apesar de ser um equipamento de uso proibido pela Coroa Portuguesa, porque todos os tecidos tinham que ser importados da Inglaterra (CRUZ, 2011a). A região no início do século XIX se destaca em termos econômicos, através de São João del Rei, pelas atividades comercial e têxtil. Neste mesmo período São José del Rei tinha sua base econômica na produção pecuária, sendo que no meio urbano havia expressão atividades como a tecelagem, fiação e confecção de indumentárias (ZOLINI; LEMOS, 2007).

Padre Toledo enquanto pároco, homem de negócios e inconfidente recebia visitas com frequência em sua casa, o que, ao lado dos seus hábitos e gostos, justifica também a sua necessidade de colecionar uma grande variedade de bens, alfaias de cama e mesa, entre outros. Para que a casa pudesse funcionar plenamente dispunha também do trabalho dos escravos domésticos. Constam-se dos Autos as presenças de um cozinheiro e de dois músicos: José Mina, que tocava trompa, e Antônio Angola, que tocava rabeção (CRUZ, 2011b).

Os interiores rebuscados artisticamente, o mobiliário diversificado, o luxo das alfaias, a biblioteca, a presença dos escravos domésticos prendados, a versatilidade de usos da casa, entre outros aspectos, demonstram os ritos de intimidade com sinais de hábitos modernos. Esses sentidos de intimidade se somam ao papel político do Padre Toledo como inconfidente, que veio acrescentar mais atribuições à casa da Rua do Sol. Na análise de Jancsó:

os ensaios sediciosos do final do século XVIII anunciam a erosão de um modo de vida. A crise geral do Antigo Regime desdobra-se nas áreas periféricas do sistema atlântico- pois é essa a posição da América portuguesa- apontando para a emergência de novas alternativas de ordenamento da vida social.¹²

De acordo com o autor, o desconforto político na colônia nesse período se adensa socialmente na condição de rebeldia organizada que irrompe no espaço da vida pública e tem como reflexo a politização da vida privada. As iniciativas relacionadas a mobilização política passou a adotar os espaços privados como local de encontros e reuniões dos inconfidentes como Padre Toledo uma vez o seu envolvimento na sedição. Esse sentido de politização incide sobre o espaço da casa e se soma aos registros dos hábitos da intimidade. Esses detalhes transformam o solar em uma referencia simbólica, que se ritualiza nos limiares do

público e do privado nessa conjunção de acontecimentos.

4. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS NO CONTEXTO DAS INOVAÇÕES ARQUITETÔNICAS DO SOLAR E A CRIAÇÃO DO “MUSEU CASA PADRE TOLEDO”

Embora a data da construção da casa seja desconhecida, sabe-se que em 1777 ali ainda morava o Cônego Luiz Vieira da Silva que, com a chegada de Padre Toledo, transferiu-se para o município de Mariana. Dessa data, até 1789, o imóvel teve uma representação destacada e valorizada pelo Inconfidente, tendo como consequência a denominação de “Casa Padre Toledo”. Não se sabe quais as intervenções construtivas, artísticas e estruturais que recebeu nesse período, mas de acordo com suas características estética e histórica tudo indica que o torreão fora edificado durante os doze anos em que lá viveu.

Esse período na Europa e em regiões portuguesas, como analisa Rossa (2009), insere-se no marco do florescimento em poder dos pensadores do iluminismo, em que se anuncia uma nova ordem social e mesmo uma nova civilização. Esta representa um marco da utopia defendida pelos enciclopedistas franceses iluministas, que fizeram eco em vários países e atravessam o oceano Atlântico. Para Vovelle (1997), o homem das luzes se torna dono do seu próprio destino uma vez que vence o preconceito da religião e dos condicionantes advindos da Natureza ao se distinguir dos animais e ser dotado de razão. “A razão, ciente dos seus poderes, segura das suas prerrogativas, acolhe as forças do sentimento e da paixão que lhe exigem um suplemento de energia” (STAROBINSKI *apud* VOVELLE, 1997, P.27). Segundo o autor ao se abrir a porta, ou seja, qualquer iniciativa ou ação, não está isenta de risco, onde as forças da sombra e do sonho se veem confrontadas. “A Revolução Francesa, misto de violência e de liberdade prometeica, confronta o homem com as exigências de uma liberdade que se conquista, Uma nova humanidade que anda á procura de si mesma, mais consciente, mas também amis inquieta” (VOVELLE, 1997, p. 28).

Essas reflexões se articulam com a conjuntura vivida no período da Inconfidência Mineira, seus membros bem como com as renovações ocorridas no solar nas últimas décadas do século XVIII. Apesar das poucas fontes históricas existentes, observa-se que Padre Toledo pode aprimorar seus estudos e conhecimentos em várias áreas durante a sua permanência em Lisboa, época em que teve contato com o ideal iluminista e revolucionário que surgiu na França, ao longo dos séculos XVII e XVIII (JARDIM, 1988). Os princípios filosóficos e políticos influenciaram a Revolução Francesa, bem como movimentos políticos e sociais na independência das colônias inglesas na América do Norte, também como na Inconfidência Mineira.

Todo esse aprendizado ficou em evidência nas suas posturas, entre elas seu estilo sofisticado de viver, nos empreendimentos econômicos e especialmente na sua significativa atuação política e ideológica como inconfidente. Devido às exigências do seu gosto cultivado, durante os seus doze anos de permanência na Comarca do Rio das Mortes, o casarão foi palco de reformas da sua arquitetura para melhor atender às demandas do novo morador requintado, caracterizando um local emblemático das movimentações políticas dos inconfidentes.

Somam-se ao contexto político as modulações culturais e estéticas que permeiam o processo criativo dos artistas durante o iluminismo. Estes enfrentam o elo indissociável e contraditório entre a claridade luminosa da razão e as forças das trevas, que apesar de influenciá-lo é também alvo de embate constante. “A concepção diurna do neoclassicismo, em particular na sua forma davidiana, afirma sem ambiguidade a sua confiança na perfeição da sociedade e do indivíduo humano” (ARASSE *apud* FERNANDES, 1997, p. 186). O limiar entre a claridade e as trevas situa-se na essência da inspiração artística do Iluminismo. Neste sentido a obra ao ser concebida e realizada esta incide aquém e além da qualidade meramente formal, o que reforça a limiaridade entre os valores morais, sociais e suas características físicas.

Observa-se que importantes arquitetos do Iluminismo traduzem essa condição paradoxal e limar e buscam as verdades consideradas universalmente válidas. Integradas às Luzes da Natureza os arquitetos neoclássicos elegem formas cada vez mais puras ou também mais primitivas e naturais (ARASSE *apud* FERNANDES, 1997). Essas características são verificadas na arquitetura com os interiores marcados pelos elementos funcionais racionalizados e sistema construtivo referenciado na técnica e nas ciências do edificar, suavizadas por um acabamento refinado. Além disso, a arquitetura na condição de edificação funcional apresenta no plano externo, como enfatiza Fernandes (2009, p.88): “(...) austeras fachadas seriadas e moduladas, pontuadas por vãos repetitivos, molduradas por pilastras e cornijas e rematadas por coberturas telhadas onde as mansardas assumiam a excepcional representação pitoresca”.

Torreão é denominado entre os itens sequestrados relatados nos Autos da Devassa como a denominação de “Sobrado místico” (CRUZ, 2011a). Esse, de proporções quadrangulares apresenta volume com dois pisos e demonstra grande equilíbrio visual. O sistema construtivo do telhado de quatro águas do solar apresenta uma modalidade distinta do telhado pombalino, apesar do claro diálogo verificado na concepção geral do mesmo com a arquitetura portuguesa. Para Fernandes (2009), a característica da arquitetura setecentista torreada evocava o centro europeu e constituiu em Portugal uma referência formal e

simbólica, quase permanente ao longo de três séculos. A inclusão das torres na arquitetura habitacional e mesmo institucional é retomada no oitocentos na estética pombalina em uma fase romântico oitocentista e, mesmo no início do século XX, representando um manifesto nacionalista edificados em centros históricos. Tal condição pode ser indicada na arquitetura colonial em Minas e mesmo em algumas edificações em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX (LEMOS, 1997).

Segundo Dangelo (2012), alguns detalhes da concepção construtiva do solar na sua porção frontal da fachada são indícios de que o torreão fora edificado de maneira distinta das características verificadas durante o período de permanência do vigário. O autor constata alguns vestígios da existência de duas aberturas de portas-sacadas no segundo andar na sua fachada principal do torreão. Estas são confeccionadas como parte de uma “gaiola de madre” e frechal, vedada com estrutura de pau-a-pique e não de moledo. Os aspectos construtivos das aberturas das janelas e portas finalizadas pelas prováveis sacadas demonstram um diálogo do torreão com os sobrados requintados presentes nas vias principais como as de Vila Rica e a própria Vila São José, entre outras. Apesar das expansões e intervenções possíveis de modernização realizadas nos interiores do corpo principal do solar a afirmação acima confirma mais um indício de que torreão representa o símbolo e o alvo principal na arquitetura do solar quando se trata de inovações estilísticas.

A busca pelas inovações na arquitetura citadina das vilas mineiras mais importantes e entre elas a Vila São José podem também ser constatadas ao longo do século XIX. A arquitetura de usos residencial e comercial gradativamente incorporou as inovações arquitetônicas, que se intensificaram a partir de 1880, com a chegada do transporte ferroviário. Ao promover a dinamização do intercâmbio de produtos e ideias, o transporte ferroviário modificou a relação espaço/tempo. Ao lado disso, concorreu para a transformação da paisagem cultural das cidades, facilitando a chegada de materiais, como o tijolo, o ferro fundido e a louça, e de concepções técnicas. Com o transporte impulsionado, a modernização, até então mais passiva e fragmentada, foi se instituindo imperativamente (LEMOS, 2006). Concepções arquitetônicas que preconizavam o conforto, a higiene e novos desafios estéticos reinstalaram o sentido de morar e deram início a um percurso modernizante, que se traduziu na modificação das fachadas e telhados e na ampliação da altura das edificações, tanto das de um pavimento quando dos sobrados. Em face da exiguidade dos terrenos, da adoção de novos materiais e dos avanços técnico-construtivos, o número de sobrados aumentou e, as fachadas recebem intervenções como a substituição do telhado com inclusão de coberturas em dois planos arrematadas por lambrequins e/ou com a adoção de platibandas com detalhes decorativos.

Apesar de a cidade estar defasada de uma dinamização econômica o processo de modernização verificado em outras localidades como, por exemplo, São João del Rey e Vila Rica, São José tem os primeiros indícios de dinamização socioeconômica apenas na segunda metade do século XIX, quando é elevada à posição administrativa de cidade em 1860. (ZOLINI; LEMOS 2007). No entanto, registro de progresso econômico apenas veio a se consolidar a partir da inauguração, no ano de 1881, do trecho de estrada férrea que ligava a atual Antônio Carlos a São João del Rei. Acrescenta-se a esse impulso econômico e, adquire maior importância histórica, a decisão em 1889, por parte do então presidente do estado Cesário Alvim, a autorização para a mudança de nome da cidade para Tiradentes em homenagem ao alferes, mártir da inconfidência mineira. Durante esse século o solar reafirma sua importância histórica e simbólica ao hospedar D. Pedro I e D. Pedro II quando das suas circunstâncias visitas à Vila de São José (FROTA, 1993).

Ainda no final do século XIX, o torreão congrega novas mudanças vinculadas ao sistema construtivo à renovação das fachadas. Na análise de Dangelo (2012), há sinais técnicos de que houve uma desestruturação da gaiola original, que se materializou na substituição de grande parte da alvenaria de vedação pela alvenaria de tijolo maciço. Esta além de vedar tem a função de estruturar a construção e que simultaneamente permite maior flexibilidade na adoção de novos princípios estéticos referenciados no ecletismo. Além de substituir o papel estrutural do antigo cunhal revestido de pedra o uso do tijolo também facilitava em termos técnico-construtivos a execução da obra em que se destacam a necessidade de sustentação da composição do frontão triangular e o balanceamento de sobrevergas na fachada principal. Outro aspecto relevante em termos construtivos constatados pelo autor é em relação às paredes do fundo do torreão com a adoção do adobe e não pau-a-pique. A opção pelo adobe indica que provavelmente a parte do quadrante posterior apenas foi construída durante a primeira metade do século XIX, quando se acrescentaram ao corpo principal os dois cômodos do segundo pavimento. O segundo andar gerou no pavimento térreo num pequeno hall, que provavelmente, ocupou a área do patamar da escada original que dava acesso ao porão e ao primeiro pátio. Um portão situado na lateral da fachada voltada ao Beco dos Escravos demarcava o acesso alternativo à entrada principal onde se inseria uma escada de acesso ao torreão com uma porta junto à fachada lateral do bloco.

As modificações no casario são também impulsionadas durante o período imperial após a chegada da Família Real em 1808 e, posteriormente, com a declaração da independência em 1822, considerando as visitas de D. Pedro I e D. Pedro II, entre outros, à região da Comarca do Rio das Mortes. Em uma conjuntura de transformações em vários âmbitos, a arquitetura passa a corporificar modificações com mais intensidade. Ao longo do século

consolida-se a ideia do palacete ou da habitação concebida de acordo com os princípios neoclássico e eclético como a construção de chácaras com fachadas e platibandas; e os chalés com telhados em duas águas arrematados por lambrequim (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999). Neste contexto, surgem novas arquiteturas ao mesmo tempo em que se intensificam as reformas no casario urbano, referenciadas na paisagem cultural europeia, especialmente as inglesa, francesa e mesmo a portuguesa. O ecletismo na arquitetura era referência e símbolo de modernidade, ocasionando mudanças substantivas no telhado e nos vãos das aberturas do torreão.

A modernização na arquitetura do Solar, tendo como parâmetro adaptar os seus interiores e incorporar à fachada principal detalhes característicos do ecletismo, na busca de lhe atribuir ares de modernidade, como as substituições do telhado no torreão que passa de quatro para dois planos, e dos cachorros do beiral para adoção do lambrequim de metal. A fachada frontal também recebeu mudanças referenciadas em detalhes do ecletismo, como as inserções no torreão do frontão, cunhais compositivos e sobrevergas situadas nas aberturas do segundo pavimento que define ressaltos artísticos sob o telhado. As guilhotinas dessas aberturas foram substituídas por folhas de janelas em vidro, com movimentação horizontal e bandeira fixa. A mureta em pedra que protege o jardim de acesso a casa foi acrescida de alvenaria revestida de argamassa com finalização ressaltada. Quatro pilares de seção quadrada saliente, finalizados por vasos estilizados, estruturam a mureta e a inclusão do portão de ferro levemente torneado.

Como afirma Salgueiro (1996) ao analisar a paisagem cultural da então capital mineira, as características estilísticas da arquitetura, especialmente de vocação habitacional e mista, completaram-se no século XIX, mesmo que de forma fragmentada. A autora analisa que se por um lado, algumas variantes arquitetônicas aproximavam-se das do Rio de Janeiro na segunda metade do século, por outro, desmentiam as leituras lineares de tipologias, pois geralmente associavam diferentes temporalidades de traços estilísticos. “Inscritos em um tempo próprio, como ocorrera também no século XVIII, os esquemas de propagação do novo, enunciados pela arquitetura, situavam-se entre os mais puramente temporais e os mais especificamente históricos” (SALGUEIRO, 1996, p.126).

Observa-se também essa análise na Vila São José e neste caso, mesmo que a passos lentos, apesar de não ser possível constatar uma mudança radical na produção arquitetônica, esta registrava relevantes características transformadoras relacionadas a materiais, técnicas construtivas e detalhes estéticos. Entre detalhes e intenções de acabamento, o ecletismo revelou uma racionalidade técnica, definindo inovadores fluxos internos e fachadas. Nesse processo, observava-se uma integração original entre detalhes e materiais tradicionais e

atuais que acabou apresentando um resultado arquitetural singular (LEMOS, 2006).

De acordo com uma condição verificada no torreão do solar, houve uma modernização nas técnicas de vedação dos vãos de janelas e portas-sacadas no final do século XIX. O caixilho e a guilhotina foram substituídos, em alguns exemplares, por duas folhas de janela seccionadas em vidros e veneziana de madeira. Sempre incorporando as bandeiras, as “novas” janelas apresentavam-se também em seções únicas de vidro, com folhas cegas de madeira no interior. Renovações ocorreram também em relação às vergas, predominando as em arco pleno ou arco alteado, as retas e, no final do período, as de marco apontado. Nos sobrados mais sofisticados, as vergas alcançavam maior destaque pela presença da sobreverga, cujo detalhe em massa ou estuque era dotado do mesmo desenho e aplicado em relevo. As bandeiras das portas e janelas tiveram suas dimensões ampliadas ao longo do século. Valorizadas pela adoção do vidro, propostas em ferro fundido e, depois, em ferro industrializado. A maioria dos telhados conservou a telha canal de barro, e, no final do século XIX, começaram a aparecer telhados dispostos em “duas águas”, cuja cumeeira incidia sobre a fachada frontal como se constata no torreão do solar. Os detalhes do ecletismo pitoresco são destacados também pelo telhado e complementado por lambrequim. As camarinhas ou mirantes, já adotados no século XVIII, foram incorporados em algumas edificações novas, sugerindo uma “variante do chalet” e atribuindo à paisagem cultural uma inovação relevante. Observa-se que, no conjunto de detalhes e novos materiais, as adaptações técnicas de materiais tradicionais, distribuição e composição dos cômodos, do mobiliário e do sistema construtivo compõem uma arqueologia da modernização (LEMOS, 2006).

Essas modernizações e reformas têm continuidade no século subsequente e no ano de 1916, a edificação foi transferida da União para a municipalidade, quando houve uma reforma para abrigar as funções da Prefeitura Municipal. A intervenção ao lado das prováveis adaptações internas realizou inovações em parte da arquitetura colonial (UNIVERSIDADE, 1999).

As características estéticas de influência do ecletismo inglês do torreão permaneceram até 1942, período que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-SPHAN anunciou as suas primeiras políticas e iniciativas com a intenção de valorizar e preservar o Patrimônio Colonial. A presença institucional do mesmo inicia-se com o tombamento, em 1938, do acervo arquitetônico e paisagístico da cidade, e tem continuidade, posteriormente, com o tombamento individual de várias edificações religiosas e civis. Em relação ao Solar, os arquitetos e demais especialistas do SPHAN responsáveis pela salvaguarda do bem elaboraram o projeto de restauro e requalificação. De acordo com os princípios modernistas o projeto preconizou o retorno das características consideradas pelos mesmos como originais.

Após a sua conclusão o solar foi definitivamente preservado pelo seu tombamento, em 04 de agosto de 1952¹³. O estado de conservação da edificação era precário e comprometia suas características arquitetônica e artística, devido à sequência de adaptações, reformas e usos inadequados, além da ausência de uma manutenção eficiente e voltada para a valorização do bem cultural (UNIVERSIDADE, 1999). Em 1956, o então prefeito de Tiradentes mostrou-se extremamente sensibilizado e interessado na recuperação do Patrimônio da cidade. O momento era propício para que o chefe da Diretoria da SPHAN em Minas Gerais, o arquiteto e professor Sylvio de Vasconcellos, aconselhasse a desapropriação pela União do prédio ocupado pela Prefeitura, para nele ser instalado um Museu Regional, proposta bem aceita na administração local (UNIVERSIDADE, 1999).

No entanto, enquanto os projetos e planos circulavam nos gabinetes, a edificação continuava a sofrer sérios danos causados pelas intempéries climáticas. O Solar necessitava de uma extensa reforma; e a implantação do museu poderia se constituir em uma estratégia efetiva de recuperar a construção com qualidade técnica e assegurar a sua manutenção enquanto Patrimônio (UNIVERSIDADE, 1999). Apesar da importância da proposta o poder público local decide doar o edifício para a Diocese de São João del Rei para nele funcionar o Seminário São Thiago. A deliberação, de fato, constituiu um ato contrário à legislação do patrimônio que proíbe a doação de bem tombado para entidade que não pertença ao poder público. A posição da prefeitura recebeu o apoio da população Tiradentina e ponderaram que a medida poderia vir a impulsionar e dinamizar as condições sociais e educacionais do município. O então Diretor Geral do SPHAN Rodrigo Mello Franco de Andrade manifestou-se contrário à doação e argumentou que não seria admissível que a Lei impusesse tal restrição às coisas móveis e não a estendesse aos bens públicos tombados de natureza imóvel, que são de modo geral de grande valor patrimonial. Entretanto, diante de interesses políticos e da manifesta opinião da população local, foi sugerido o empréstimo da edificação à Diocese, fato que não contrariaria a legislação vigente e solucionaria o impasse (UNIVERSIDADE, 1999). Ao ser aceita a proposta, houve no dia 25 de julho de 1961 o assentamento da pedra fundamental para o funcionamento do Seminário São Tiago e a celebração de missa vespertina com a presença das autoridades eclesíásticas da Diocese. O ato de empréstimo estabeleceu que qualquer projeto para as obras externas ou internas relativas à edificação necessitaria de estudo prévio e aprovação da diretoria do patrimônio, não podendo ser alteradas as divisões internas, forros, sanefas, pinturas, armários e rodapés. Especial cuidado foi recomendado para com a pintura de Dom Pedro II, dada a sua importância e fragilidade. Assim, a diretoria do Patrimônio comprometeu-se a estudar as possibilidades de adaptações na edificação, para melhor atender às necessidades

do Seminário e a sua consolidação, considerando que o monumento encontrava-se em mal estado de conservação (UNIVERSIDADE, 1999). O funcionamento do Seminário permaneceu no Solar até o início da década de 1970, quando o projeto de criar um Museu Regional então defendido por Sylvio de Vasconcellos retornava à cena. Em 1971, a Câmara Municipal de Tiradentes efetiva a doação do imóvel da Casa de Padre Toledo à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade (UNIVERSIDADE, 1999).

A ideia de implantação dos museus regionais no país vincula-se ao escopo das metas inaugurais do SPHAN, que integra sua fase denominada heroica. Junto da prioridade em salvaguardar os bens civis e religiosos que em geral apresentavam um precário estado de conservação, a instituição defendia ser o momento propício para sensibilizar a população brasileira, quanto ao valor e à importância do acervo cultural representados, entre outros bens, pelos edifícios que compunham os núcleos tombados. Esta meta se traduziu em iniciativas como a realização de publicações técnicas, divulgação jornalística, a criação de museus regionais e a organização de exposições no conjunto de outras iniciativas culturais (BRASIL, 1980). Voltada para a valorização regional e nacional, a instituição, durante a gestão Andrade, criou treze museus e deixou nove em fase de conclusão, dos quais se destacam: o Nacional de Belas Artes (1937), da República (1960) e do Folclore (1968) no Rio de Janeiro; o da Inconfidência (1938) em Ouro Preto; o das Missões (1940) no Rio Grande do Sul; o Imperial (1940) em Petrópolis; o do Ouro (1945) em Sabará; o de São João del Rei (1946); e o do Diamante (1954), em Diamantina.

Apesar dessa fase de conscientização da população perdurar até 1967, a ideia de implantação de Museus Regionais se mantém ao longo da segunda fase de funcionamento da instituição, que passou a ser denominado, em 1970, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. Como uma cartografia de bens simbólicos os museus criam e conciliam em termos pedagógicos e culturais um arcabouço indenitário regionalizado. Segundo as recomendações vinculadas à criação dos museus consta que é responsabilidade desses a documentação histórica para fins de educação voltada para os bens culturais e as tradições regionais (BRASIL, 2014).

Em 1974, a edificação passou a funcionar como Museu Regional, denominado Tiradentes, tendo sido submetida simultaneamente a reformas e adaptações para funcionar também como acervo da Fundação. Um projeto de restauração mais consistente teve início na década seguinte, mas as obras apesar de autorizadas apenas tiveram início no final do ano de 1982 devido a vários fatores técnicos de conservação e aos danos causados por intemperes climáticas ao edifício nesses anos.¹⁴ A realização do projeto de restauração ocorreu em etapas, uma relacionada à requalificação do bem devido ao estado precário das

condições construtivas, técnicas e de materiais, e outra, de restauro artístico dos interiores que estavam seriamente comprometidos.

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico se comprometeu a ceder à Fundação, por empréstimo, peças para figurar na exposição museográfica inaugural da Casa, uma vez que os seus bens, arrolados na época da devassa, não puderam ser encontrados. Esta medida recebeu as colaborações dos Museus da Inconfidência e de São João del Rei, que cederam móveis e objetos restaurados para a expografia. Com os recursos da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, deu-se, nesse período, a criação do Museu Regional Casa Padre Toledo.

NOTAS

¹ CÂNDIDO, 1993, 123-124.

² Em 1776, Padre Carlos Correia de Toledo e Melo morava em Lisboa e foi nomeado Vigário Colado da Freguesia de Santo Antônio, sediada na rica Vila de São José, da Comarca do Rio das Mortes. O vigário tomou posse do cargo em Lisboa, e em 1777 cegou à Vila para assumir suas funções eclesiásticas.

³ As fontes disponíveis sobre a arquitetura do solar e seus moradores são escassas. Por exemplo, não se tem registrado a data da construção do imóvel, o autor do projeto bem como grande parte das datas das intervenções arquitetônicas nele implantadas. Para maiores detalhes ver: UNIVERSIDADE (1999); SOUZA (1984); FROTA (1993); CRUZ (2011a e 2011b).

⁴ De acordo com BEHRENS (2010, p. 95), *limiarologia* foi definida por Winfried Menninghaus no seu ensaio publicado em 1986 sobre o filósofo Walter Benjamin.

⁵ Moledo (mole+eira) é um tipo de alvenaria vernacular adotada em São José del Rei ao longo do século XVIII e significa uma rocha em decomposição, que toma a forma de calhaus ou saibro grosso.

⁶ Beira Seveira é um beiral de telhado cujas telhas da extremidade se apoiam em cimalha de boca de telha feita com duas fiadas de telhas engastadas no alto da parede externa. A fiada superior é chamada de beira e a inferior chamada de sobeira. Ver: ÁVILA & GONTIJO & MACHADO (1996).

⁷ Para maiores detalhes ver: FURTADO (2002, p.105-107).

⁸ Ver também: CRUZ (2011a); CRUZ (2011b); ALGRANTI (1997); JANCSÓ (1997); FROTA (1993).

⁹ Ver também: CRUZ (2011a); CRUZ (2011b) ALGRANTI (1997); JANCSÓ (1997); FROTA (1993).

¹⁰ A prataria da casa, segundo os Autos da Devassa, apesar de listada não foi confiscada, pois estava penhorada e fechada nos cofres dos Ausentes da Vila de São José (JARDIM, 1988). Ver também: MAXWELL (2005).

¹¹ De sua biblioteca, foram sequestrados 105 livros, entre eles um de registros de débitos das benesses paroquiais.

¹² ANCSÓ, 1997, p. 389

¹³ A edificação foi tombada pelo SPHAN, sob a inscrição nº 295, fl.50 do Livro História, e inscrição nº 405, fl.78 do Livro Belas Artes, enquanto ainda funcionava como sede da municipalidade.

¹⁴ Projeto resultante convênio firmado 1980, entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a Fundação Roberto Marinho. A parceria teve a interveniência da Secretaria de Estado de Governo

e da Secretaria do Planejamento e Coordenação Geral, IEPHA/MG, SPHAN; Fundação Nacional PRÓ-MEMÓRIA; Fundação Rodrigo de Mello Franco de Andrade; e FIAT Automóveis S.A., que viabilizaram a elaboração dos projetos e a execução das obras de restauração e conservação do prédio do Museu da Inconfidência.

BIBLIOGRAFIA

ALGRANTI, Leila M. - Famílias e vida doméstica. In MELLO E SOUZA, Laura (org.) - *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 83-154.

ÁVILA, Affonso, GONTIJO, João M. M., MACHADO, Reinaldo G. - Barroco Mineiro. In *Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BEHRENS, Roger - Seres limiars, tempos limiars, espaços limiars. In OTTE, Georg; SEDLMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (orgs.) - *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, pp. 93- 112.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. *Cidades Históricas*; inventário e pesquisas: Projeto Piloto Tiradentes. Rio de Janeiro: IPHAN/Senado Federal, 1980.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [em linha]. IPHAN. [consult. 23/05/2014]. Disponível na Internet: [MuseuseCasasHistóricas.http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12810&retorno=paginaIphan](http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12810&retorno=paginaIphan).

CANDIDO, Antônio - *O Discurso da Cidade*. São Paulo: Editora Ouro Sobre Azul, 1993.

CRUZ, Luiz - *Padre Toledo, um inconfidente radical* (Parte I). Alma Carioca. [consult. 05/05/2012]. Disponível na Internet: <http://www.almacarioca.net/padre-toledo-um-inconfidente-radical-parte-i-luiz-cruz/21/11/2011a>.

Idem - *Padre Toledo, um inconfidente radical* (Parte II). Alma Carioca. [consult. 05/05/2012]. Disponível na Internet: <http://www.almacarioca.net/padre-toledo-um-inconfidente-radical-parte-ii-luiz-cruz/22/11/2011b>.

DANGELO, André G. D. - *Memorial do Projeto de Restauo Casa Padre Toledo*. Belo Horizonte: UFMG/FRMFA, 2012.

FERNANDES, José M. - Da “Casa Portuguesa” ao “Português Suave” ou algumas variações sobre o tema dos telhados pombalinos. In: *Monumentos. Cidades, patrimônio, reabilitação*. Nº30. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. Dezembro 2009, pp.88 – 97.

FROTA, Lélia Coelho - *Tiradentes – Retrato de uma cidade*. Rio de Janeiro: FRMFA/ Campos Gerais, 1993.

FURTADO, J. P. - *O Manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JANCSÓ, István - A Sedução da Liberdade: cotidiano e contestação política no final do século XVIII. In MELLO E SOUZA, Laura (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América

- Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 387- 437.
- JARDIM, Marcio J. da C. - *Síntese Factual da Inconfidência Mineira*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Codaser, 1988.
- LEMOS, Carlos A. C. - *Historia da Casa Brasileira*. São Paulo: Contexto, 1985.
- LEMOS, Celina B.; MASCARENHAS, Cláudia. M.; BOIS, Maria C. M. - O Século XIX na Paisagem Cultural Ouro-pretana. Cotidiano, arquitetura e modernidade imperial. In *XII Seminário sobre a Economia Mineira Economia, História, Demografia e Políticas Públicas*. 2006, pp. 1-17. [consult. 12/05/2012]. Disponível na Internet: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/economia_mineira/diamantina-2006php.
- LEMOS, Celina B. - A Cidade Republicana Belo Horizonte, 1897 a 1930. In CASTRIOTA, Leonardo. B. (org.) - *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, pp. 79-126.
- MAXWELL, Kenneth R. - *A Devassa da Devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil – Portugal, 1750-1808*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- MELLO, Evaldo C. de. - O fim das casas-grandes. In ALENCASTRO, Luiz F. de (org.) - *História da Vida Privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PRIORI, Mary del - Ritos da Vida Privada. In MELLO E SOUZA, Laura (org.) - *História da Vida Privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 275-330.
- ROSSA, Walter - Cidades da Razão: Vila Real de Santo Antônio e arredores. In *Monumentos. Cidades, patrimônio, reabilitação*. Nº30. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. Dezembro 2009, p. 16-31.
- SALGUEIRO, Heliana A. - Ouro Preto: dos gestos de transformação do “colonial” aos de construção de um “antigo moderno”. In *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n.4, p.125-163, jan.-dez. 1996.
- SOUZA, Wladimir Alves (coord.). - *Guia dos Bens Tombados – Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1984.
- VASCONCELLOS, Sylvio de - *Mineiridade*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- Idem - *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- VERÍSSIMO, Francisco S.; BITTAR, William S. M. - *500 Anos da Casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- VOVELLE, Michel - *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Casa do Inconfidente Padre Toledo. Museu Regional. Levantamento arquitetônico*. Escola de Arquitetura. Núcleo Inventários e Revitalização Urbana e Arquitetônica. Projeto Inventários Acervo da UFMG. Subprojeto 2, Inventário do Patrimônio Edificado. Levantamento Arquitetônico. Coordenação: Leonardo Barci Castriota. Belo Horizonte: EAUFMG, Outubro de 1999. (mimeo).
- ZOLINI, Gustavo Pimenta de P.; LEMOS, Celina Borges UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - *A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte: os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes*. 2007. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

